

O SACRIFÍCIO DE SAT-SACUB¹

Jorge Carneiro



[6]² Foi na Idade Média, a noite longa da humanidade, negro manto que protegeu crimes bárbaros, fatos misteriosos e incríveis, mais próprios de uma imaginação oriental do que da realidade crua...

Uma aldeia antiga, situada a dez milhas de Akka, perto de Beirute, lambida por mansas espumas do Mediterrâneo, abrigava os *Amins*, povo, como diz o nome, “fiel”, e de costumes puramente estranhos. Os *Amins* adoravam, como os gregos, deuses diversos. Esculpiam em rochas, como os Egípcios, imagens sagradas a que prestavam cerimonioso culto. Tinham em contas particulares o *Shamass*, sol, que adoravam como deus dos deuses; a lua, que homenageavam como a deusa suprema; as tempestades furiosas, que faziam transbordar os riachos e a lagoa do medonho *Kabir*, e eram tidos como enviadas pelo *Kabir*, nas suas cóleras, e finalmente o *Kabir*.

O *Kabir* era o monstro da lagoa. Era um enorme jacaré, de dentes longos e agudos, e todo negro. O fato de ele ser tão grande como um velho elefante, negro do focinho ao rabo, e de costumes esquisitos, levou os *Amins*

¹ CARNEIRO, Jorge. O sacrificio de Sat-Sacub. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 28, p. 6-7, 12-13. 13 de jul. de 1935

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

a ponto de temê-lo como um deus. Eis por que, quando, de seis em seis meses, o monstro despertava do Grande Sono na floresta de tamareiras, e fazia gemerem as águas da lagoa com o seu mergulho, encontrava ali, na margem, onde vinha ter o caminho que partia desde a aldeia, a vítima exigida.

Essa vítima era uma virgem. Uma linda donzela escolhida dentre as mais deslumbrantes raparigas da aldeia. Depois de ter sido banhada em *bakhur*, perfumoso incenso produzido pela queima duma substância amarelada, a donzela devia dirigir-se, só, para a lagoa, pelo caminho que separava as tamareiras. Pois que a lagoa do *Kabir* era pequena e rodeada por espessa vegetação de tamareiras, como uma careca com cabelos em volta. As vítimas, ou eram devoradas pelo monstro, ou conduzidas para o meio das tamareiras, onde talvez fossem atiradas em algum poço macabro. O fato é que os *Amins* nunca deixaram de entregar ao odioso bicho no fim do seu Grande Sono, a vítima, para que ele, como temiam, não invadissem a aldeia e os devorasse como devorava todos os animais da floresta de tamareiras, menos — pensavam eles — a terrível *Maskuna*, a enorme serpente, maior do que a maior das jiboias, e que tinha o poderoso Veneno Branco.

Por isso, naquele dia, o povo da aldeia estava em convulsão. Estavam em vésperas de entregar a donzela ao *Kabir*. E, dentre as cem virgens mais belas, a escolhida caiu sobre Hanad, a flor branca e pura, filha da velhíssima e calva Malaka, e cuja moradia estava assentada ao lado da grande montanha do *Shamass*, no dorso da qual, havia dezenas de anos, morava Sat-Sacub.

Sat-Sacub, como a maioria das mulheres daquele povo, era careca. Não por ser velha, mas já o era desde os trinta anos. Era este um dos característicos do lado feminino dos *Amins*. Sat-Sacub tinha agora mais de

cem anos. Desde os trinta anos se retirava para a montanha do *Shamass*, onde não se relacionava com ninguém, com exceção de Malaka, mãe de Hanad. Sempre nas vésperas da escolha das vítimas, Sat-Sacub descia a montanha e ia bater à porta de Malaka: “Não vos esqueçais — dizia ela — Se a escolhida for sua filha, mandai-me”. Se bem que Malaka estranhasse esse pedido, nunca ousou perguntar a razão, pois que ninguém desconfiava de Sat-Sacub. Essa mesma Sat-Sacub havia, dez anos atrás, entregue a Malaka um manuscrito fechado e lacrado [7] dizendo: “Guardai-o, e não o abri senão depois da minha morte”. Tudo isto se afigurava misterioso para Malaka. Sat-Sacub era vítima da medonha doença do peito, e, ela mesma o dissera, fazia questão de viver até cumprir uma promessa velha, razão por que vivia no alto da montanha, onde se dava bem e onde colhia ervas que lhe conservavam a vida e a preservavam do mal dos pulmões.

E na noite do dia anterior ao que se devia entregar ao monstro, Hanad galgou a montanha e bateu a portinhola do casebre de Sat-Sacub. Era um casebre mal construído e velho. Por uma fenda situada em cima da portinhola, via-se que a lamparina estava acesa.

Surgiu a porta uma velhota franzina, baixa, careca como um ovo. A velha franziu mais ainda o rosto murcho como um jenipapo maduro, e os lábios secos se afastaram num sorriso que mostrou a Hanad as gengivas nuas e brancas de Sat-Sacub.

Hanad curvou-se com respeito e temor:

— Sois vós a Mãe dos Anos? — perguntou.

— Sim, filha. Sou Sat-Sacub.

— A lua já vai alta, Sat. Podereis ouvir-me assim mesmo?

A velhota explodiu numa fina risada:

— Já viste, alva flor das campinas, a meiga Sat-Sacub negar seus conselhos a alguém a qualquer hora do dia ou da noite? Sat-Sacub é velha e não dorme mais. Pouco come, pois não tem mais a bela fileira de dentes que ornava sua boca quando jovem como uma rosa nova. Os cabelos, oh! Aqueles fios de ouro que ondulavam sobre seu dorso alvo, como raios de sol sobre a planície de neve... Oh, entra, entra, filha.

Hanad entrou e pôde ver o quarto em que habitava Sat-Sacub. Era quadrado e feito de tábuas, coberto de haxixe. À esquerda estava estendido um gordo colchão.

— Senta-te, donzela tão branca como o gelo que coroa esta montanha — disse Sat-Sacub, descansando sobre o colchão.

Depois, continuou:

— Diz-me agora o que vos traz aqui, na humilde habitação de Sat-Sacub, mais feia que um covil de lobos.

— Sou Hanad, filha de Malaka e do finado Hadad-Allah-l-arkhamo! Deus o tenha em bom canto! Que morreu devorado pela amaldiçoada *Maskuna*...

A velha tornou-se rubra como um tição. Os olhos pareciam faróis negros e cintilavam. Sat-Sacub tiritava como se estivesse com frio. Enfim, disse:

— És filha dele... do valente Hadad... Foste escolhida?...

— Sim... — disse timidamente Hanad.

— Nada tens então a dizer, filha. Enfim, encontro o meu trágico fim! Filha de Hadad, o herói... não perguntes mais nada. Justamente hoje faz seis meses que a linda Anuar foi eleita para a boca do monstro... E agora... Bem, não morrerás na boca do *Kabir*!

Levantou-se de um salto e mexeu numa espécie de caixa que estava ao lado. Abriu-a e tirou de dentro uma coisa branca.

— Toma, filha — disse, estendendo-a para Hanad. — Com isto te livrarás do *Kabir*...

Era um pano branco que embrulhava qualquer saquinho redondo dentro do qual se via uma substância branca coloidal.

— Segura, Hanad, não temas...

Hanad segurou a droga e guardou-a no seio.

Sat-Sacub prosseguiu:

— Sabes o que é isto? É o veneno da *Maskuna*, que queima e mata, único que pode destruir o *Kabir*... Segue amanhã pela madrugada, depois de te teres [12] banhado em *bakhur*. Entra pelo caminho que separa as tamareiras. Espera até que as águas gemam ao contato do duro corpo odioso do monstro... E quando ele abrir a face rubra com o sol que se deita... atira a droga... com força, filha, para que ela lhe atravesse a garganta e lhe deslize no corpo, desmanche-se e o queime como se um sol de Zenith lhe penetrasse nos órgãos.

Hanad ouvia o estranho sermão sem desviar os olhos redondos dos da velha. Sat-Sacub, sem notar o pasmo da moça, concluiu:

— É só, filha... Chegou por fim o momento de Sat-Sacub.... Não precisará mais usar ervas que a conservem pois a promessa vai ser cumprida... Hanad, o heroico mancebo, será satisfeito... Não pergunte nada, menina que Allah amparou no mais florido dos seios divinos... Algum dia a verdade te chegará às mãos... Vai agora; amanhã é o grande dia.

Hanad nada mais disse. Saiu e logo se viu envolta pela noite fria e pelo céu que de tão estrelado se assemelhava a um extenso deserto de areias luminosas.

Hanad tão confiante estava na madrugada seguinte, quando a levaram para banhar-se em *bakhur*, que era o cheiro que avisava o monstro, foi com a maior despreocupação que o fez. Mas não deixava nunca de apalpar, no seio, o saquinho redondo de Sat-Sacub. Toda a aldeia rezava pela alma de Hanad. E quando o sol se levantava atrás das árvores, qual hóstia resplandecente erguida por mão divina, Hanad já se achava à margem da lagoa, à espera do monstro.

Súbito, da outra margem, surgiu fora do arvoredos a enorme cabeça triangular do *Kabir*. E a pouco e pouco todo o corpo do monstro saiu da mata para deslizar sobre o chão. Depois mergulhou, e por uns instantes só se viu a superfícies rugosa e agitada da lagoa. Mas não demorou que a medonha cabeça surgisse adiante, perto de Hanad. Dois olhos espaçosos e inquietos a fitaram. E a enorme boca se abriu em ângulo obtuso. Solto um mugido — trovão tremendo... e foi nesse instante que Hanad, enérgica, confiante em si e na velha Sat-Sacub, atirou a droga com tanta força que lhe atravessou a garganta. O monstro encolheu-se todo para depois esticar-se, em medonhos uivos. Depois, levantou o longo rabo em linha vertical, como um mastro, e com ele chicoteou com estalos a água da lagoa. Os olhos enrubesceram-se e a boca contraía-se num ricto de angustioso sofrimento. E deu-se então uma coisa inesperada: o *Kabir* tomou o caminho da montanha em que morava Sat-Sacub. Escalou o dorso da elevação e, ao chegar perto da casa de Sat-Sacub, deteve-se. Hanad solto um grito de pavor ao ver que Sat-Sacub, como uma santa, sorrindo, surgia perto do monstro, encaminhando-se para

ele como se a ele se entregasse. Em dado momento, desapareceu Sat-Sacub. E a garganta do monstro dilatou-se, como se por ela passasse qualquer coisa semelhante a um corpo humano, a caminho para seu interior tenebroso. Sat-Sacub fora engolida. E o medonho jacaré, queimado pelo veneno, tornou-se inerte, hirto, e rolou morto para o chão.

Espavorida, Hanad correu sem parar até que alcançou sua casa. [13] Sua mãe, que não presenciara o terrível espetáculo, assim como todos da aldeia, esperava impaciente. E Hanad lhe deu a medonha nova. Foi então lido o manuscrito de Sat-Sacub, que explicou tudo a Hanad e sua mãe Malaka. Elas, que julgavam Hadad devorado pela *Maskuna*, souberam a verdade.

Esse manuscrito, além de muito extenso, era muito mal escrito. Explicava o seguinte:

Quando Sat-Sacub era moça, fora escolhida para a vítima do *Kabir*. No entanto, havia um jovem intrépido que a adorava, apesar de ser casado com uma mulher chamada Malaka e de ter uma filhinha ainda pequenina chamada Hanad. Esse jovem era Hadad. Sabendo que sua amada ia servir ao *Kabir*, resolveu consultar a famosa feiticeira Hadla. Aconselhara-o assim a feiticeira: “Para destruir o *Kabir*, só o veneno branco da *Maskuna*, a serpente das tamareiras.” E, incitado pelo amor de Sat-Sacub, embrenhou-se nas tamareiras, pela madrugada, enquanto Sat-Sacub banhada em *bakhur*, esperava o *Kabir* na margem da lagoa. Hadad encontrou-se com a *Maskuna*, decepou-lhe a cabeça, e tirou-lhe das glândulas o veneno branco. Colocou-o em um saquinho que fez com a pele da serpente e ia levá-lo a Sat-Sacub, quando ouviu um rumor. Sat-Sacub, ouvindo um doloroso gemido, compreendeu que seu amado fora ferido. De fato, o fora. Correu, sem refletir, para ele, saindo então do posto em que devia esperar o

monstro. Encontrou Hadad ferido e em agonia, não pela serpente, mas pelo *Kabir*. “Sat-Sacub — disse ele — ouves o mergulho do monstro na água? Tu lhe fugiste! Eu não tentei escapar as garras do bicho. Agora, que morro, toma o veneno da *Maskuna* e guarda-o contigo, para se um dia minha filha Hanad for escolhida para vítima, tu lhe entregares. Quanto a ti, foge, que o monstro já volta. Está furioso por não te encontrar. Consulta Hadla, a feiticeira que mora atrás do rio, para saberes o que sucede às donzelas que fogem ao *Kabir*. Só a ti revelo este segredo”. E Sat-Sacub, consultando Hadla, ouviu isto: “Aquele que fugir ao monstro, será deglutida no dia em que o veneno da *Maskuna* o queimar”. Sat-Sacub compreendeu então que fora vítima da maldição do monstro. Sim, porque qualquer donzela, sabendo disto, não desertaria visto, como a *Maskuna* andava sempre por ali, e, de um momento para o outro, poderia picá-lo. Seria uma vida medonha esperar de momento a momento a morte. E ela, que tinha morta a *Maskuna*, nas mãos o seu veneno, estava presa a uma promessa que fizera àquele que morrera tentando salvá-la.

E Sat-Sacub, tendo cada vez mais aumentada na imaginação a ideia da promessa, esperou, cuidou de viver ali naquela montanha, para que o dia do sacrifício, do trágico desfecho da sua vida viesse encontrá-la ali.

E naquele dia, em que todos, ignorando os fatos, celebravam a morte do odioso monstro, Malaka e Hanad, ensopando de lágrimas o manuscrito de Sat-Sacub, admiravam o seu sublime sacrifício e oravam por sua alma.

Foi este o único fato interessante que se deu entre os *Amins*, o povo fiel que vivia entre Akka e Beirute.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

